

Santana: bairro abandonado

Nenhuma rua calçada, sem iluminação pública e rede de esgotos, tubulações de água estouradas, falta de escolas, armazém, farmácia e outras necessidades é o que oferece o núcleo residencial de Santana, em Cariacica, entregue pela Cohab a 198 famílias no mês de dezembro passado.

Na esperança de que pelo menos parte dos problemas fossem resolvidos pelas autoridades, os moradores de Santana já fizeram dois abaixo-assinados com mais de 200 assinaturas cada, os quais foram encaminhados à Secretaria de Saúde, Prefeitura de Cariacica e Cohab. Entretanto, já transcorreram alguns meses e nenhuma providência foi tomada e, ontem, nenhum dos habitantes do núcleo se arriscou em declarar haver condições de melhora para o lugar a curto prazo.

TRANSITO DIFICIL

Segundo os moradores de Santana, antes mesmo da Cohab entregar o núcleo às famílias já não havia condições de tráfego de veículos em várias ruas do lugar. Atualmente, a rua A — a mais importante para os moradores — deixou de ser utilizada por carros, embora seja a única via de ligação da rodovia José Sete ao núcleo residencial.

A rua A foi construída para dar acesso a todas as demais de Santana, mas não fugindo a regra geral em relação às outras encontra-se totalmente sem condições de trânsito de veículos em sua grande parte. No trecho compreendido entre a rodovia asfaltada e a rua B, verifica-se profundas crateras provocadas por erosões das chuvas e até mesmos os moradores sentem dificuldades em caminhar por ele.

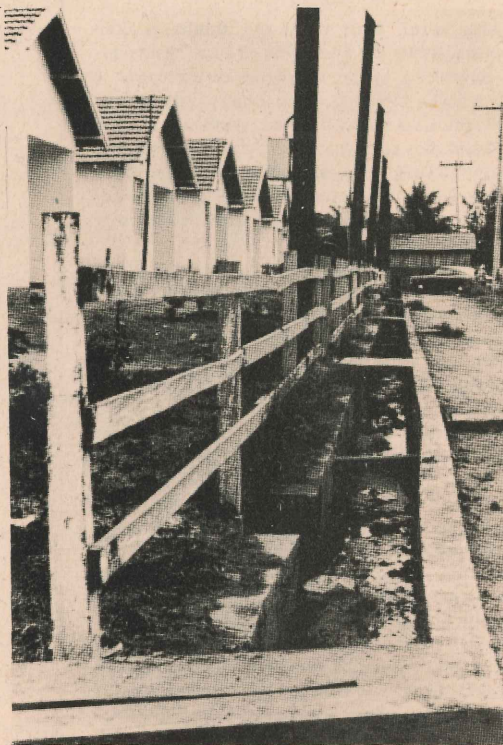
Somente duas ou três ruas do núcleo residencial de Santana ainda oferecem condições, precariamente, de trânsito de veículos. Por elas passam esporadicamente os carros coletores de lixo da Prefeitura de Cariacica, caminhões com gás liquefeito e automóveis de alguns dos moradores.

Confessam os moradores que, apesar das péssimas condições de todas as ruas do bairro "a Prefeitura não determina sequer serviços de reparos para contornar a situação, provisoriamente". Entre as reclamações neste sentido, argumentam que "a maior parte das famílias daqui não pode ficar doente, porque nenhum carro consegue chegar até a porta de casa.

O calçamento em paralelepípedo ou **broklets** são algumas das principais reivindicações dos moradores de Santana. Eles desconhecem a competência de quem deve fazer estes serviços e condenam a Prefeitura de Cariacica e a Cohab por omissão, além da Secretaria de Saúde devido a inexistência de rede de esgotos.

RECLAMAÇÕES

Basicamente, os moradores de Santana fizeram ontem idênticas reclamações, todas com um único objetivo: melhores condições de conforto e cumprimento do dever por parte das autoridades. A maioria das famílias pertence à classe menos favorecida, talvez por isso definam o bairro como "um



Santana: conjunto abandonado

dos melhores para se morar neste município, apesar dos problemas".

— Moro aqui desde 15 de dezembro do ano passado e acho a situação em que se encontra o bairro bastante ruim — disse Maria Carvalho Petero, 36 anos, dois filhos menores, que reside na rua J, quadra 16, casa 31 naquele núcleo.

Ela dizia saber de todos os problemas que afetam os moradores de Santana, mas demonstrava dificuldades em enumerá-los. Começou dizendo que "quando chove a gente não pode sair de casa, pois é tanto barro e tanto buraco que a gente se suja totalmente. O assoalho da casa não pára limpo e num caso de doença a situação fica ainda pior".

Além do problema apontado, o qual tem origem pela inexistência de calçamento nas ruas e de um serviço de drenagem nas mesmas, Maria Carvalho afirmou ainda "não há iluminação em nenhum poste das ruas". E indagou: "Imagina numa noite de chuva, a situação que fica as ruas, uma pessoa fica doente e não há luz? É o fim do mundo isto".

Contou que "não faz muito tempo, meu marido ficou doente aproximadamente 10 horas da noite e

coincidiu que estava chovendo. Tive de sair de casa no escuro e me dirigir até o asfalto (rodovia Sete) para tentar conseguir parar um táxi. Como não existe abrigo no ponto de ônibus, onde aguardava o veículo, me molhei toda e somente depois de muito tempo consegui".

Isabel Nobre, 23 anos, solteira, mora há cerca de dois meses no bairro e é de pouca fala. Segundo ela, a principal necessidade dos moradores é o calçamento e iluminação pública. E disse "aqui é muito bom de se morar, pois é bastante calmo, durante o dia e também à noite".

Por sua vez, Francisca Maria de Jesus, 68 anos, casada, que mora há seis meses naquele conjunto residencial, na rua F, reclamou da falta de luz, rede de esgotos, calçamento, abrigo no ponto de ônibus mais coletivos na linha — só existem dois. Embora sua pretensão fizesse referência a uma série de serviços, observou que "já assinei a dois abaixo-assinados e não vi ainda o resultado de nenhum deles. O jeito então é esperar mais".

José Antônio, 60 anos, aposentado, morador na rua C foi um dos que correu os abaixo-assinados entre os moradores de Santana para reivindicar providências junto às autoridades municipais e estaduais. Consultado sobre o que faltava no conjunto respondeu ceticamente: "Tudo".

Começando pelas residências construídas pela Cohab ele enumerou: "falta rede de esgotos; as casas não têm portas senão as colocadas pelos moradores; não têm forro no teto; o piso é de cimento mal acabado e as paredes são quase todas tortas. Para ser claro, a empreiteira contratada para fazer essas casas foi a que deu o menor preço, o que fica evidente o material empregado e o capricho que tiveram ao fazê-las".

Relatou que "dois meses depois que me mudei para esta casa, o piso do banheiro afundou. Fui à Cohab e me encaminharam ao Departamento de Engenharia daquele órgão, onde contei a situação. Disseram que mandariam uma pessoa ver o problema e veio, consertaram, mas consertaram mal e pedi para fazer tudo de novo. Foi feito e agora está mais ou menos".

Fazendo comparação com outros núcleos da Cohab construídos na Grande Vitória e no interior do Estado, declarou José Antônio que o de Santana "é onde se paga mais caro. Estou morando aqui porque fiquei esperando esta casa sair muito tempo, mas se soubesse que haveria todos esses problemas teria desistido antes de me mudar".

Assinalou que "ainda não começamos a pagar as prestações das casas, e não sei qual será o valor a ser pago, mas atualmente estamos pagando mensalmente Cr\$ 240,00 de taxa de ocupação, desde dezembro".

Ele informou que no núcleo residencial de Santana moram 198 famílias, mas "muita gente está tentando transferi-las para outros porque não vê possibilidade de melhorias em nada. Se fosse enumerar o que é necessário aqui diria que é tudo, mas vou tirar por menos: precisamos de calçamento nas ruas, iluminação pública, armazém, farmácia, mais ônibus, abrigo no ponto de ônibus, rede de esgotos, etc".